

HUGO PASCOTTINI PERNET

ENTRE REALIDADE E INVENÇÃO I

**MEMÓRIAS
DA INFÂNCIA
EM QUE EU
MORRI**

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Eduardo Pascottini

PROJETO DE CAPA
Christian Pinkovai

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P281M PASCOTTINI PERNET, HUGO. 1990 -
MEMÓRIAS DA INFÂNCIA EM QUE EU MORRI / HUGO
PASCOTTINI PERNET. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

172 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-343-6

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Prólogo

13 de junho de 2000

A mamãe entrou no meu quarto e disse para eu permanecer na cama. De repente o papai apareceu e eles começaram a discutir. O papai disse para a mamãe que seria melhor voltarem para o quarto deles. Então ela saiu de perto de mim sem chegar a me dizer por que eu deveria permanecer deitado. Segui os passos da mamãe e do papai. Mas o barulho da chave mexendo na fechadura me fez parar no corredor. Me aproximei da porta fechada. E, pelo que ouvi, parece que descobriram hoje que algo estranho se esconde no interior do meu corpo. Não sei ao certo do que se trata, mas pela atitude da mamãe e do papai é alguma coisa grave.

Em todos os meus nove anos, a mamãe e o papai nunca agiram dessa maneira dos últimos dias. Eles estão estranhos. Ontem, por exemplo, a mamãe preparou café, como faz todas as tardes. Mas esqueceu de desligar a cafeteira com aquele líquido amargo dentro. Foi bem no instante em que ela assistia a um filme na sala. De repente, se levantou do sofá, deixou a televisão ligada para as moscas e subiu as escadas.

O comportamento da mamãe e do papai me preocupa. Decidi questionar o papai sobre o assunto. Perguntei por que

ficam tantas horas dentro do quarto. Ele não me respondeu. Por que estava chorando? Ele disse que era um cisco no olho.

Não sou burro: um pouco trêmulo, o papai limpou o rosto com as costas da mão. Depois, me deu um abraço apertado, tão forte, que seu escapulário deve ter deixado uma pequena marca vermelha na minha testa.

Já a mamãe nem olha mais dentro dos meus olhos. Não beija mais minha bochecha. Logo ela, que sempre me dizia ser desperdício passar um dia sem admirar minhas “azeitonas azuis”, sem enrolar meu cabelo cacheado, “de anjinho”. A mamãe e o papai têm cabelo preto e olhos castanhos. Será que essa diferença tem a ver com a coisa misteriosa dentro do meu corpo?

Talvez eu tenha mais tendência a mudanças genéticas. Feito um mutante, um super-herói... Eu?! Será?

Nunca imaginei que as aulas de Biologia pudessem ter alguma importância...

Tenho olhado a mamãe e o papai pelo buraco da fechadura do quarto deles. Mas é muito pequeno, serve apenas para estimular a imaginação. Prefiro encostar o ouvido na porta.

Naquela noite, quando eles se trancaram no quarto, o papai havia chegado com uma pasta do laboratório médico onde fiz, há uma semana, uma série de exames.

No dia seguinte eu tentei olhar os resultados. Na ponta dos pés, entrei no quarto vazio, mas a mamãe me surpreendeu por trás. “Hugo, isso não é da sua conta!”, ela disse e arrancou a pasta das minhas mãos como se eu estivesse fazendo algo de errado.

Hoje tenho certeza de que essa coisa que se esconde no meu corpo é muito grave.

Escutei uma parte da conversa da mamãe e do papai. Antes de me posicionar pela segunda vez atrás da porta, saí correndo pelo corredor, tropecei no tapete e apoiei uma das mãos na maçaneta. Não caí no chão, mas fiquei com medo de a mamãe e o papai terem ouvido o barulho. Nesse instante, meu irmão abriu a porta do quarto dele e me perguntou se estava tudo bem. Eu coloquei o dedo sobre a boca e disse para ele fazer silêncio. Nem sempre é vantajoso ter um irmão mais velho. Grudei o ouvido na porta do quarto da mamãe e do papai, enquanto o Eduardo permaneceu me olhando.

As vozes, sussurradas, soavam trêmulas. Elas diziam que nossa senhora de Fátima iria me curar, bastava fé. Mas como uma mulher morta pode impedir que eu morra? Ou melhor: como uma mulher morta pode ajudar a mamãe e o papai? Acho que, em seguida, eles rezaram o terço. Repetiram várias e várias vezes a ave-maria, ave-maria, ave-maria... Somente quem está à beira da morte se apega tanto à religião.

Afinal, quantas nossas senhoras existem? Na catequese, a professora disse que são centenas e, ao mesmo tempo, nossa senhora é uma só. Como assim? Para qual delas a mamãe e o papai rezam? Devem acreditar em várias, senão abririam logo a porta do quarto. Será que alguma delas, ao menos, escuta a mamãe e o papai?

Deitei na cama e abri meu livro de poemas do Alberto Caeiro. É o heterônimo do Fernando Pessoa que tenho lido com mais frequência. Não demorei a abandonar a leitura, porque a

mamãe e o papai não saíam do quarto. Fiquei preocupado. Qual foi a última vez que rezaram as ave-marias por mais de duas horas?

Como eu não podia entrar no quarto deles, peguei meu caderno da catequese e li as últimas páginas. Já decorei a história de nossa senhora de Fátima. A mamãe e o papai me obrigam a frequentar as aulas, para ouvir a professora falar de milagre. Quem acredita nisso? Nem comprovaram ainda a existência de deus (a professora da catequese sempre briga comigo porque escrevo assim com letra minúscula) e já querem inventar santos.

O fato é que toda essa história começou no dia de nossa senhora de Fátima, exatamente há um mês, em treze de maio.

Depois daquele maldito acidente na piscina.

1. FRAGMENTOS DO DIÁRIO

I.

A partir de 13 de maio de 2000

1.

Hoje começa outra fase na minha vida. Por isso decidi iniciar este diário. Antes mesmo de escrever a primeira linha, recortei um papel em branco no formato de um retângulo onde escrevi “Diário do Hugo”. E coleí o pedaço de papel no meio da capa, como a mamãe faz com uma etiqueta nos meus cadernos da escola, sempre com meu nome, disciplina e série.

Encontrei este caderninho de capa e pautas azuis, além de todas as páginas em branco, na confusão — entre vários lápis de cor, folhas rasgadas, rascunhos, pontas, pedaços de borracha — da gaveta onde eu deixava no apartamento todos os livros da escola. Com exceção, claro, do material de Português, que ficava guardado em uma gaveta exclusiva, com etiqueta e tudo.

Minhas notas de Português são exemplares. A professora sempre diz:

“Escreve tão direitinho para um menino de nove anos. Se pudesse, pularia você para a quinta série, Huguinho.”

Por isso, os meninos dobram e misturam vários papeizinhos sobre a mesa antes das provas de Português e ditado. O colega que tiver o nome sorteado pode sentar atrás de mim.

Desde a primeira série, eu nunca me importei de fazer as questões com os ombros meio abaixados e a coluna um pouco torta.

Mas vou ao que interessa: finalmente, nos mudamos para esta casa!

Nunca vi a mamãe e o papai tão alegres. No carro, assobiavam no ritmo das músicas do rádio. Pareciam duas crianças da primeira série no primeiro dia de aula: eufóricos e perdidos. Pois o papai parou em dois postos de gasolina para pedir informação. Tinha esquecido o caminho?

Em alguns trechos, me imaginei na excursão do colégio, rumo ao sítio em Teresópolis. Voltei à realidade quando a roda afundou no buraco de uma das ruas de barro, antes de um cavalo passar preso a uma charrete que transportava um homem e móveis quebrados.

Aos poucos, o carro perdeu velocidade. Devia fazer quarenta graus. As malas no meu colo e do meu irmão, nossa pele suando, as janelas abertas. “Nenhum Fusquinha tem ar-condicionado”, o papai já tinha me explicado.

Nós quatro saímos do carro. A mamãe se ofereceu para ajudar a trocar o pneu, mas o papai disse que não a deixaria sujar as mãos.

“Eu conserto sozinho”, ele disse, já com as ferramentas na mão. “Esperem embaixo daquela árvore. Não vai demorar nada.”

De fato em menos de meia hora, retomamos o caminho. A mamãe voltou a cantar as músicas do rádio enquanto o papai assobiava e estalava os dedos, agora sujos de graxa.

O papai é advogado. Ele costumava sair do apartamento por volta das seis e meia da manhã. Depois pegava uma van



www.editorapenalux.com.br

 [hugo.p.pernet@gmail](mailto:hugo.p.pernet@gmail.com)

 [/hugo.pernet.9.com](https://www.facebook.com/hugo.pernet.9.com)